



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Cerimônia de Posse do Conselho Nacional de Agricultura

É com satisfação que presido a cerimônia de posse da diretoria do Conselho Nacional de Agricultura. A renovação de lideranças numa instituição da importância do CNA ocorre num momento em que o País busca transformar-se para ingressar definitivamente na modernidade.

O Brasil é um país de clara vocação agropecuária. Já se vai o tempo em que alguns segmentos de nossa sociedade, sobretudo nas grandes cidades, procuraram pôr em dúvida essa vocação, como se ela impedisse a plena realização do Brasil em outros campos, especialmente na indústria. Ao contrário, a consolidação do setor industrial brasileiro depende do fortalecimento da agricultura. Ambos os setores devem coexistir em perfeita sintonia, ajudando a integrar campo e cidade.

As dimensões do território nacional, a diversidade dos climas, quase todos favoráveis ao cultivo ou à criação, e o potencial de nossas terras constituem uma dádiva que deve ser, está sendo e será ainda mais aproveitada. Devemos, pois, buscar o fortalecimento da agricultura, essencial à criação de riquezas e à erradicação da fome e da miséria.

A receita é uma só: muito trabalho, com dedicação e inteligência. O desafio central que temos pela frente exige que mobilizemos o melhor de nossas capacidades — temos de livrar o

Brasil, de uma vez por todas, do atraso e da pobreza em que vivem milhões de brasileiros. O desenvolvimento da agricultura é fundamental para fixar o homem no campo, como forma de combater o dramático inchaço de nossas cidades, que só traz o desequilíbrio social e a violência.

«A seguida intervenção estatal
descapitalizou o campo e provocou
o mais formidável processo de êxodo
de que se tem
notícia neste século.»

Esses desafios, entretanto, não vêm sendo vencidos senão com muita luta. Nas três últimas décadas a propalada prioridade à agricultura acabou transformando-se mais em instrumento de intervenção sobre o mercado do que propriamente em mecanismo de efetivo fomento à produção.

A seguida intervenção estatal descapitalizou o campo e provocou o mais formidável processo de êxodo de que se tem notícia neste século, com efeitos perversos sobre a vida social do País. As prioridades retóricas que eram dadas à agricultura visavam, em última instância, compensar a baixa remuneração do produtor rural.

Esse é o quadro de artificialismo e desequilíbrios sócio-econômicos que meu governo herdou, e que já começou a reverter. Nosso compromisso de recuperar o Estado e a sociedade, para assegurar o perfeito funcionamento das instituições democráticas, leva em conta a necessidade de reestruturação e revitalização da economia, para liberar as forças criadoras da iniciativa privada. Leva em conta, sobretudo, a urgente e inadiável tarefa de derrotar a inflação, uma das causas principais da miséria que tanto aflige a milhões de brasileiros, no campo e na cidade.

A inflação é um mal maior na agricultura. Ao estimular a especulação financeira, a inflação desvia recursos do campo, imprescindíveis para o estímulo da produção rural. Além disso,

a inflação inviabiliza o planejamento de médio e longo prazos, sem o qual o agricultor não pode viver. Da sementeira à colheita, o homem do campo passou a viver num estado permanente de angústia, sem saber se o preço pago pelo fruto de seu trabalho remuneraria condignamente os seus esforços. A confiança do setor agropecuário estava abalada.

O Presidente John Kennedy afirmava que exemplos esporádicos de coragem em questões isoladas e sem importância não têm grande significado. Para ser importante — ensinava Kennedy — cumpre que a coragem seja demonstrada em favor de alguma grande causa comum. Foi com essa coragem que decidi libertar o Brasil do peso de uma política que puxava o país para trás, para o passado, quando todos nós, que acreditamos na grandeza da Nação, reclamávamos o direito a um futuro de prosperidade, justiça social e liberdade. Um futuro livre dos efeitos perversos da inflação.

Acredito na causa maior de criar mais liberdade, mais dignidade e bem-estar para todos. Mas não se iludam: não existem soluções mágicas e indolores para os problemas do País. Os que afirmam existirem tais soluções, quando chamados a desempenhar funções de comando, só conseguem produzir ilusões e novas frustrações. Se quisermos erguer uma nação moderna e socialmente justa, teremos que pagar o preço pelos erros do passado. Teremos de eliminar da face do País os vícios do egoísmo, da ganância e do privilégio.

«Meu governo está envidando esforços para a promulgação de uma lei agrícola, que sempre foi o sonho de todos os agricultores.»

Meu pensamento está com aquele cidadão que lá, no interior do Brasil, em sua propriedade, quer produzir mais e melhor e obter preço justo pelos frutos da terra; com aquele agricultor

que sonha dar melhores condições de vida para sua família. Este é o homem que constrói a riqueza deste País. A ele devemos voltar nossos olhos.

Nenhuma prioridade verdadeira à agricultura pode ter êxito se desconsiderarmos a vontade de crescer e vencer desses milhões de lares brasileiros. Para eles ofereço a liberdade de produzir, que havia sido perdida após três décadas de intervenção estatal. Intervenção que contemplava políticas agrícolas mais voltadas para o abastecimento do que para a produção. Políticas que premiavam a ineficiência e a especulação.

Habituação a depender da iniciativa do Governo, o complexo agroindustrial brasileiro perdera a capacidade de planejar e executar suas próprias ações. Nada acontecia sem o beneplácito dos gabinetes de Brasília.

Um setor que gera quase 40% do PNB não poderia ficar atrelado a impulsos que, muitas vezes, privilegiam critérios políticos, em detrimento das leis de mercado. Isso gerou distorções intoleráveis. Não se pode aceitar, por exemplo, que a fixação do preço de uma máquina agrícola ou de um insumo seja função do volume de crédito rural disponível. Qualquer empresário do complexo agropecuário, da fazenda à fábrica, tinha conhecimento dessas distorções que estavam inviabilizando a produção agrícola.

Senhoras e Senhores,

Como disse, o Brasil é um país de natural vocação agropecuária. Não alcançaremos a modernidade e o pleno desenvolvimento se frustrarmos essa vocação. Por essa razão meu governo está envidando esforços para a promulgação de uma lei agrícola, que sempre foi o sonho de todos os agricultores. Por essa razão, também, no meu governo não faltará apoio à pesquisa e ao desenvolvimento tecnológico para a agricultura. Buscaremos, ainda, reduzir a carga tributária sobre a atividade rural para dar mais competitividade a nossos produtos no mercado externo.

Lutar contra o protecionismo e pela liberalização do comércio mundial será sempre outra prioridade. Premiar a produtividade com o preço justo, vencido o flagelo da inflação, é compromisso que assumi perante a Nação.

Fico feliz, portanto, ao ouvir as palavras do presidente do Conselho Nacional de Agricultura no discurso que pronunciou hoje. Suas idéias coincidem em muito com minhas opiniões como mandatário da Nação e casam com os interesses mais prioritários do povo brasileiro.

A renovação de lideranças no CNA deve, pois, conjugar-se com os esforços que o País vem desenvolvendo para a conquista de um futuro melhor. A contribuição da agricultura nessa missão de modernizar o Brasil é decisiva e terá sua justa compensação. Com o empenho desta instituição e a confiança de todos os seus membros, estou seguro de que o País caminhará em direção a seu grande destino.

Que Deus nos ajude.

*Discurso pronunciado por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
na cerimônia de posse do Conselho Nacional
de Agricultura, em Brasília, DF,
no dia 10 de dezembro de 1990.*